VISÃO DO CORREIO

A fragilidade da vida digital

Em poucas horas, a rotina de milhões de pessoas em mais de setenta países travou. Na tarde da última quinta-feira, o Outlook e outros serviços do Microsoft 365 saíram do ar. A pane atravessou a noite e só começou a ser normalizada ao longo de sexta-feira. A Microsoft descartou ataque cibernético e atribuiu o problema à indisponibilidade de servidores, sem detalhar a causa. No Brasil, a Agência Nacional de Mineração ficou sem seu protocolo digital, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina relatou problemas no correio eletrônico, e o Supremo Tribunal Federal suspendeu prazos processuais a pedido da OAB. Escolas, hospitais, bancos e ministérios também sentiram o impacto. O episódio se soma a outros neste ano: em janeiro, o Microsoft 365 ficou fora do ar por horas e, em agosto, uma atualização defeituosa afetou o Outlook por vários dias.

A pane mostrou, ainda, que a nossa nova dependência da inteligência artificial nos torna mais vulneráveis. O Copilot, assistente da própria Microsoft, também saiu do ar com a plataforma, e assistentes de outras empresas, como OpenAI e Anthropic, perderam o acesso aos conectores do Microsoft 365, porque a ferramenta de IA depende de que o sistema que ela consulta esteja de pé. Quanto mais tarefas se entregam a esses assistentes, mais camadas passam a depender de uma mesma base, e uma falha em uma delas se propaga pelas demais.

Plataformas privadas de tecnologia viraram infraestrutura do país, ainda que ninguém tenha decidido isso formalmente. O WhatsApp é o exemplo mais evidente. Usado por cerca de 150 milhões de brasileiros, quase todos os dias, ele resolve a vida do salão de beleza da esquina ao governo federal. Para a imensa maioria dos pequenos negócios, é canal de vendas, muitas vezes o único endereço digital da loja. Inúmeras prefeituras usam o WhatsApp ou aplicativo semelhante no atendimento ao cidadão. Quando o Outlook caiu, empresas, escolas, hospitais e até ministérios migraram justamente para o WhatsApp e para o telefone. O plano B de uma big tech foi outra big tech, o que troca uma dependência por outra e mantém a fragilidade. Afinal, em outubro de 2021, uma pane de cerca de seis horas tirou do ar WhatsApp, Instagram e Facebook no mundo inteiro e mostrou o que acontece quando esse canal desaparece.

A digitalização trouxe eficiência e alcance que ninguém quer perder. O desafio, porém, segue sendo dar segurança ao mundo digital. Serviços essenciais precisam de redundância real, com canais alternativos testados antes da crise e fornecedores diferentes dos do plano principal. Órgãos públicos precisam decidir quais comunicações, prazos e atendimentos podem depender de uma única plataforma privada, quase sempre estrangeira, e quais exigem infraestrutura própria ou, no mínimo, contratos com garantias claras de continuidade e de transparência sobre incidentes. Empresas precisam saber o que acontece com a operação e com os dados de clientes quando o sistema principal cai. E quem usa essas plataformas no dia a dia, do microempreendedor ao servidor público, deveria manter mais de um canal para o que é essencial.

Superada a pane mais recente, resta a certeza de que a próxima virá. Governos, empresas e cidadãos têm a chance de usar o susto para rever processos, diversificar canais, exigir transparência das plataformas e investir em segurança antes que a falha seguinte encontre o país tão dependente quanto hoje. Quanto mais a vida cotidiana depende do digital, mais a segurança digital precisa ser tratada como parte da infraestrutura do país.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Torre de Babel climática

A partir de hoje, delegados de 196 países têm pela frente uma tarefa que parece quase impossível: entregar, até sexta-feira, o documento final da COP31, a conferência climática da Organização das Nações Unidas (ONU), sediada em Antália, na Turquia. O texto, para ser aprovado, exige unanimidade, algo difícil de imaginar nessa Torre de Babel, onde todos se entendem em inglês, mas divergem a respeito de como garantir um planeta minimamente habitável nos próximos anos.

Pelo Acordo de Paris, assinado em dezembro de 2015, até o fim do século o aumento da temperatura global deveria ser limitado a 1,5ºC em relação à Revolução Industrial, quando as máquinas maravilhosas criadas pelo homem começaram a devorar carvão e mandar para a atmosfera gigatoneladas de gases de efeito estufa. A denominação de substâncias como dióxido de carbono e metano, produtos da queima de combustível fóssil, não é à toa: ao se acumularem nessa camada invisível que envolve a Terra, elas retêm o calor, como uma estufa de plantas deve fazer.

Os signatários do acordo histórico se comprometeram a adotar medidas capazes de frear a emissão de CO2, como a substituição dos combustíveis fósseis por energia limpa e o combate ao desmatamento. Também concordaram que os países que se industrializaram primeiro e, portanto, estão há mais tempo poluindo e ganhando dinheiro com isso, têm uma dívida com os demais. Assim, anualmente, deveriam depositar alguns milhões de dólares em fundos para ajudar as nações em desenvolvimento a se adaptar e a reduzir os danos ambientais provocados pelo processo industrial.

O problema (um deles) é que, se, de fato, o mundo está investindo mais em matrizes energéticas limpas, a fome por combustível fóssil continua voraz. Em vez de queda, as emissões aumentaram desde o Acordo de Paris, algo que o mundo inteiro sente na pele. Entre fevereiro de 2023 e janeiro de 2024, pela primeira vez, o limite de 1,5°C foi excedido. Embora preocupados, os cientistas explicaram: trata-se de um overshoot, uma ultrapassagem temporária, que não atrapalha a meta de 2100.

Só que o mesmo aconteceu em 2025 e, provavelmente, ocorrerá em relação a este ano, quando os recordes de calor foram quebrados mês a mês com a ajuda de um super El Niño. O fenômeno é natural, mas a intensidade da edição 2026 tem o dedo das emissões de CO2. Recentemente, um relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) admitiu que o overshoot está se tornando, digamos, o novo normal. Os cenários mais otimistas falam, agora, de um pico de temperatura 1,8°C maior, em relação aos níveis pré-industriais.

O Brasil é, tradicionalmente, um dos protagonistas dos debates climáticos. Na COP liderada simultaneamente pela Turquia e pela Austrália, o país deixou claro que não abre mão da descarbonização gradual e total da economia global. Ao lado do financiamento, esse tema deverá manter insones os diplomatas que se debruçam sobre textos técnicos e negociam colchetes em branco do documento.

Sob uma temperatura média de 21°C — 1,47°C acima do registrado no século 19 —, os negociadores têm até sexta-feira para definir se sobreviveremos não mais ao aquecimento, mas ao fervimento global.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Mais acidentes no Eixão

Podem anotar: diminuir a velocidade do Eixão para 60km/h vai, na verdade, aumentar os acidentes. Explico: hoje, o pedestre utiliza a passarela subterrânea por respeito — medo — aos carros que trafegam a 80km/h. Quando a velocidade diminuir para 60km/h, as pessoas vão ter a falsa sensação de que o carro está mais devagar e vão arriscar cruzar o Eixão com mais frequência, mesmo se a passarela estiver pintada de ouro. Atropelamento a 60km/h mata igual a atropelamento a 80km/h.

» **Lyel Campanatti**
Brasília

Renda irreal

O Distrito Federal tem a maior renda por habitante do Brasil, segundo o IBGE. Mas essa renda per capita do DF é irreal. Muitos dos salários são pagos para não residentes, como moradores do Entorno, parlamentares, assessores e outros agentes públicos. É o mesmo que ocorre em Luxemburgo, onde muitas pessoas trabalham no país, mas moram em países vizinhos. A diferença é que lá não há desigualdades como aqui.

» **Tito Rodrigues**
Brasília

A pauta vencedora

Ajuste fiscal é a pauta da Faria Lima e dos perdedores das eleições. A pauta que elegeu Luiz Inácio Lula da Silva é a de baixar os juros e investir nos programas sociais. Essa fortuna que o governo paga para os bancos em função dos juros altos é o problema a ser resolvido. O endividamento público do Brasil está bem abaixo do endividamento de muitos países desenvolvidos. Nosso problema não é um endividamento excessivo, são os juros escorchantes que temos que pagar e que poderiam estar indo para a saúde e a educação.

» **Marcelo Branco**
Brasília

Contradição gritante

Conceder a Medalha Chiquinha Gonzaga à deputada eleita Eduarda Campopiano (PL), que se autodeclara "inimiga das feministas", representa uma contradição gritante. O legado da compositora, símbolo de vanguarda, de ruptura de padrões e de luta pela abolição e pelos direitos das mulheres, é o oposto das bandeiras da parlamentar, pautadas por ataques ao movimento feminista e à autonomia feminina. Cabe questionar o que justifica o Regimento Interno da Câmara Municipal do Rio de Janeiro permitir que comendas dessa natureza avancem de forma acelerada e por aclamação, sem um crivo rigoroso sobre o mérito dos indicados. A pressão social é indispensável para barrar a honraria e evitar que o parlamento legitime visões que naturalizam a submissão feminina. Ainda assim, vale o alerta: a intenção por trás dessas provocações costuma ser exatamente incitar a indignação coletiva para fabricar engajamento e dar visibilidade a setores radicalizados da direita, que se alimentam do tumulto e da polarização política.

» **Gilberto Pereira Tiriba**
Embaré (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O Eixão foi pensado para comportar muito menos tráfego do que tem hoje. Quando há uma saturação, se reduz a velocidade permitida. Isso acontece no mundo todo.

Gustavo Susin — Brasília

Redução de velocidade: calma, motoristas! Devagar, a vida entra no eixo.

Vital R. de Vasconcelos Júnior — Jardim Botânico

É muito fácil prometer benefício para o povo e mandar a conta para alguém pagar. Isso sem saber se aqueles que ficarão responsáveis pelo pagamento terão condições de pagar.

Sandra Araújo — Brasília

Violência contra as mulheres ligada ao vício em apostas cresce 75% no Brasil. Qual motivo ainda falta para as pessoas entenderem que essa é uma das principais ameaças às famílias brasileiras? É preciso dar um jeito para também dificultar as apostas clandestinas!

Paula Mendes — Asa Norte

» correiobraziliense.com.br

Mais proteção

Em "Como os direitos humanos nos tornam sujeitos de direitos", Mirian Célia Castellain Guebert e Valquiria Elita Renk, professoras da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), articulam sobre o caráter supranacional dos direitos humanos e o desafio de criar formas de proteção diante da tranformação da sociedade. Confira no site do **Correio**.

PODCAST DO CORREIO

Confira os mais recentes episódios do podcast que reúne jornalistas do **Correio** e convidados especiais em um bate-papo sobre política e os assuntos mais relevantes do momento.

Confira o Podcast do Correio na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*